

O corpo como espaço de poder: instituição da corporalidade paranaense e identidade regional no início do século XX

Fernanda Lorandi Lorenzetti*

RESUMO

Este artigo tem como propósito traçar uma discussão a respeito da construção de uma determinada identidade paranaense pautada em sua constituição corporal. Mais especificamente o objetivo é entender como na obra “*O Homem Forte*” do paranaense Domingos Nascimento, publicada em 1905, o fortalecimento corporal aparece como um importante fator para a proteção do território do Paraná. Para tanto, serão analisadas algumas propostas de Nascimento, como, por exemplo, a adoção por parte de toda a população da prática de atividades físicas que contribuiriam para a constituição de indivíduos fisicamente preparados, disciplinados, ordeiros e equilibrados. A intenção deste autor seria fazer com que todos pudessem considerar-se paranaenses através de um sentimento de cooperação em que seus corpos individuais atuariam para o engrandecimento do corpo estatal.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; identidade; poder; Paraná

ABSTRACT

This paper aims a discussion about the construction of a determined paranaense identity based in the body constitution. The main focus is to understand how the body strengthening appears in the work: “*O Homem Forte*”, from the paranaense writer Domingos Nascimento, published in 1905, as an key element for the protection of the Parana territory. For this, some of the Nascimento’s ideas are analyzed, for example, the use of physical activities by the most part of the population as a contribution in the creation of physically prepared, disciplined, orderly and balanced citizens. The author’s intention was that everybody could considerate themselves paranaenses trough a cooperation feeling in which their individual bodies could work for the reinforce of the state body.

KEYWORDS: Body; identity; Paraná

* Mestranda vinculada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail para contato: ferlorandi@yahoo.com.br

Domingos Nascimento nasceu na cidade de Guaraqueçaba, litoral paranaense, em 1863. Ao atingir a maioridade, seus pais, o pescador Francisco Luiz do Nascimento e a indígena guarani Antonia Luiza do Nascimento, não tendo condições de financiar seus estudos, enxergaram na carreira militar a solução para a frágil situação financeira que enfrentavam. Assim em 1881, Nascimento partiu para o Rio de Janeiro, para estudar na Escola Militar da Praia Vermelha, onde ficou até 1886, período este de forte envolvimento com o positivismo, dado o fato de ter sido aluno de Benjamim Constant. Seus estudos se completaram no Rio Grande do Sul, na Escola Militar de Porto Alegre, quando filiou-se ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR), comandado pelo político gaúcho Júlio de Castilhos. Inclusive nesta época atuou como jornalista em “A Federação”, jornal de cunho castilhista. Após esse período de formação, retornou ao Paraná, em 1889, e passou a residir em Curitiba.

Em sua trajetória, que se encerrou em 1915, comandou o Batalhão Patriótico 19 de Dezembro, quando da invasão da Armada carioca em território paranaense em 1893, escreveu a letra do hino do Paraná, publicou várias obras, algumas poesias, outras em prosas, além de discursos, descrições, contos, matérias de jornais e outros. Militar, jornalista, poeta, positivista, republicano, simbolista e deputado estadual. Homem de muitas funções, inserido em várias atividades díspares. Neste artigo a análise se pautará, sobretudo, nas preocupações deste autor em identificar o paranaense à um ideal de corpo forte e capaz de garantir a proteção do território do Estado do Paraná.

Construir corpos que pudessem acompanhar o ritmo de desenvolvimento e progresso técnico que a sociedade atingiu no período entre a passagem do século XIX e início do XX¹. Instruir a população no sentido de agir em torno de um bem comum, e fazer com que todos se sentissem companheiros em um mesmo combate: a segurança e o fortalecimento do Estado do Paraná. Essas eram as principais preocupações que atingiam Domingos Nascimento em relação à constituição corporal do homem paranaense. Havia, assim, a necessidade de investir no auxílio de todos à construção do espaço ideal. Para Nascimento, a sociedade era concebida a partir de um modelo organicista, e, por conseguinte acreditava que:

O homem é como uma árvore: – para que as flores e os fructos, que são consequentes da cultura do espirito, possam manifestar-se com força e vigor

¹ Segundo Hobsbawm: “Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então isolados, estavam, ao menos perifericamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial. [...], porém diferente em cada lugar [...]” In: HOBBSAWM, Eric. *A era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988. p. 46.

é preciso que as raízes de que brotam e que são os seus órgãos corporaes, sejam dotados de um desenvolvimento muito regular e de uma energia convenientemente exercitada e applicada. (NASCIMENTO, 1905, pp. 03-04)

Nesse sentido, as sociedades humanas poderiam ser comparadas às grandes florestas, em que as árvores seriam como indivíduos agrupados e atuantes. Nessas comparações entre a natureza e os homens, o Autor aponta que também as árvores possuiriam membros que não deveriam ser esquecidos: as flores e frutos que metaforicamente são comparados aos órgãos do corpo humano. Nesse sentido, plasmam-se em uma mesma figura imagética os condutos que levam os minerais da raiz às folhas e flores, com as veias que impulsionam o sangue do coração até as regiões mais extremas do corpo. Associam-se, nessa representação do homem ideal, raízes com pés, caules com dorsos e galhos com braços.

Assim como as florestas, as organizações humanas seriam também mais vistosas, grandes e fortes quanto melhor fosse o terreno em que suas raízes estivessem dispostas. Da mesma forma que a fertilidade do solo garantia às plantas mais força e vigor, os exercícios físicos preparavam o homem para o trabalho e para o desenvolvimento técnico, garantindo maior prosperidade e progresso futuro ao Estado. O adubo que fazia crescer a floresta/humanidade de modo ordeiro era justamente a reflexão e o trabalho profícuo em torno do futuro. A floresta seria grande conforme a fertilidade das idéias em conjunto com trabalho fecundo. Essas imagens, do Estado corporativo e da sociedade como um organismo vivo, reforçavam a unidade e a cooperação entre os indivíduos, tinham como objetivo comprometer a população com o crescimento e o progresso do Paraná.

Ao perceber o Estado como um corpo, ou mesmo como uma floresta, o autor acreditava que haveria maior identificação da população para com o governo estadual, já que, em seu ponto-de-vista, a população minimamente conhecia o funcionamento corporal e as doenças que afligiam os órgãos ou ainda sabiam distinguir as plantas sadias das demais. Enfim, a associação com o corpo humano tinha funções pedagógicas e, além disso, facilitaria a criação de atitudes cooperativas. Era necessário sentir-se como um membro do Estado ou uma árvore na floresta e atuar em favor do todo social.

A utilização simbólica do corpo como arquétipo para a sociedade, foi herdado das ciências naturais e mais especificamente da anatomia. O corpo humano possuiria, nesta perspectiva funcional de organização, uma hierarquia em que haveriam partes mais especializadas que outras e todas atuariam de maneira conjunta para a unidade do todo. As células unificariam-se formando tecidos, órgãos, sistemas e por fim o corpo em sua complexa

totalidade. O mesmo com os indivíduos, que em conjunto formariam bairros, cidades, estados e finalmente a nação. Sobre essa questão refere-se Lamounier:

A transformação orgânico-vitalista impulsionada e dirigida pelo Estado permitiria, de início, salvar o país do processo de degenerescência, ou pelo menos do amorfismo invertebrado que, segundo o diagnóstico desses ideólogos o caracterizava. E em seguida, estruturar a divisão do trabalho e a vida social de modo a permitir que cada órgão encontre sua ‘verdadeira’ função e essência. (LAMOUNIER, 1997, p. 363)

Os indivíduos organizados ordeiramente, disciplinados, trabalhando em conjunto de modo cooperativo eram a espinha dorsal, a base de sustentação do Estado, que sem a contribuição de todos seria não mais que um organismo invertebrado, degenerado e inferior na escala evolutiva.

Ao instituir uma corporalidade ao Paraná, estava-se criando um apelo horizontal e profundo para que todos sentissem-se responsáveis pelo seu bom funcionamento. Cada indivíduo seria parte atuante da sociedade e os deveres seriam distribuídos para cada um, conforme suas habilidades e responsabilidades.

Nascimento acreditava que a imagem do corpo humano serviria como um modelo para a organização do Estado e conseqüentemente para seu excelente funcionamento. Assim, tem-se, por exemplo, o Estado representado como o corpo completo, composto por partes, os indivíduos. Cada uma destas partes, nesta metáfora orgânica, seria responsável pelo bom funcionamento do conjunto. Em uma destas construções visuais Nascimento propõe que:

Imaginemos uma sociedade humana composta de indivíduos equilibrados, bons, inteligentes e vigorosos, combinando-se entre si de modo a dirigir as suas forças para o bem; cada um se preocupando com sua hygiene, zelando o seu aperfeiçoamento physico e moral, convencido do beneficio que dessa situação normal pode tirar para si próprio, evitando por tal meio toda a sorte de miseria, legando aos seus descendentes uma herança feliz destinada a crescer continuamente: – que outra recompensa poderia exceder a tão brilhante ideal? (NASCIMENTO, 1905, p. V)

Era essa a sociedade imaginada e almejada por Nascimento para o Paraná, era esse seu ideal de paranaense, ou seja, indivíduos saudáveis cuja capacitação, robustez e coragem fossem suas características principais. As preocupações em separar, moldar e controlar o corpo humano garantiria uma hereditariedade promissora, já que, a seu ver havia a necessidade de forjar uma sociedade de escolhidos, de pessoas fortes e capazes de enfrentarem percalços e situações limite. (FLORES, 2007, p. 59)

O crescimento do todo estava vinculado ao crescimento de cada um, a simbiose entre o Estado e seus ocupantes revela essa interdependência: um não cresce e progride sem o outro, e assim, o vínculo Estado/indivíduos passa a ser visto como algo forte e inquebrantável. Na perspectiva organicista da sociedade proposta por Nascimento, é extraordinária a harmonia em que concebia a sociedade estar envolta. Deste modo, para cada um são atribuídas tarefas, como a higiene, o aperfeiçoamento físico e moral, ou ainda o envolvimento com o trabalho ordeiro e racional, sem a existência de greves e perturbações, conforme o descrito por Lenharo:

[...] o corporativismo se apóia inteiramente na imagem de organicidade do corpo humano. As partes que compõem a sociedade foram pensadas tal como o relacionamento dos órgãos do corpo humano: integradamente e sem contradições. [...] cada cidadão é convidado a dar sua vida, verter seu sangue para a salvação do corpo maior da pátria, se necessário. (LENHARO, 1986, pp. 16-17)

O normal era ser ordeiro, saudável, pacífico, sóbrio, laborioso, integrado às instituições vigentes. Em contraponto, era considerado anormal: a fraqueza física, a imoralidade, as desordens de todos os tipos, a feiúra e a sujeira, a pouca resistência ao trabalho e às doenças, que deveriam ser banidas, expurgadas para que as próximas gerações herdassem o melhor dos mundos.

A construção discursiva do Paraná como uma “terra sem males”, livre de qualquer conflito social ou desordem, em que cada um teria de trabalhar para o bem de todos, sem prejuízos para nenhuma das partes, legitimava a organização social estabelecida a partir das hierarquias. Não havia razão para conflitos sociais, já que estes somente enfraqueceriam o corpo, tornando-o vulnerável. Deste modo, higienizar o corpo era a tarefa mais importante, tanto fisicamente como moralmente. O conjunto deveria ser forte para que a ordem prevalecesse, portanto era inaceitável que apenas uma dessas partes funcionasse bem e as demais de modo ineficiente.

Em sua análise acerca do processo de instituição de um Estado com características fascistas no Brasil da década de 1930, Lenharo assinala que muitas vezes a governabilidade usufruía dessa metáfora corporal, essencialmente ligada ao imaginário do cristianismo, para assim instaurar uma unidade nacional não-contraditória e indissolúvel. O autor explana que a nação é associada a um todo orgânico e o:

Estado também acompanha essa descrição; suas partes funcionam como órgãos de um corpo tecnicamente integrado; o território nacional, por sua vez,

é apresentado como um corpo que cresce, expande, amadurece; as classes sociais mais parecem órgãos necessários uns aos outros, para que funcionem homogeneamente, sem conflitos; o governo, por sua vez, é descrito como uma cabeça dirigente e, como tal, não se cogita em conflitação entre a cabeça e o resto do corpo, imagem da sociedade. (LENHARO, 1986, pp. 16-17)²

Sob este aspecto o Estado atuaria como propagador dessas concepções organicistas da sociedade, se colocando, inclusive, como cabeça mandante, enquanto a população organizada formaria as demais partes do corpo. Segundo Vanda Maria Ribeiro Costa, a experiência corporativista brasileira, especialmente na década de 30, revela que na relação entre o Estado e sociedade, o primeiro era visto, e ainda é, segundo a autora: “[...] *como portador do interesse geral, agente do interesse comum, detentor do monopólio de poder para organizar, sob uma totalidade política, os grupos sociais.*” (COSTA, 1999, p. 28) Nesse âmbito as classes sociais e seus conflitos devem ser resolvidos essencialmente pelo Estado através da cooptação, por exemplo, de sindicatos trabalhistas que por acaso atrapalhassem o bom andamento do corpo estatal.

Assim, que não deveria fazer parte do corpo seria imediatamente eliminado, como, por exemplo, os desordeiros, ociosos e, além disso, os esteticamente desprivilegiados, ou seja, aqueles que não se preocupavam com seu próprio corpo e que por isso não poderiam contribuir eficientemente para o fortalecimento do estado. Portanto essa concepção de perfeição física.

[...] operava com pares de opostos: o limpo e o impuro, o doente e o são, o físico e o mental, a carne e o espírito, o corpo e a alma, cuja solução é encontrada na beleza da forma humana, na crença de que um corpo perfeito abriga um corpo espiritual de beleza moral. (FLORES, 2007, p. 39)

O que se tem a partir disso é uma conjugação entre as preocupações políticas e estéticas do Estado em relação aos seus subordinados, assim ser cidadão também significava estar comprometido com a beleza e o bom funcionamento de seu corpo individual. O estado atuava prontamente para essa engenharia dos corpos, pois era preciso imprimir no corpo as marcas do bom cidadão – esbelteza, trabalho, força, ordem – que deveriam fazer parte de seu cotidiano e de suas atividades corriqueiras.

² Como aponta Alcir Lenharo, essa metáfora corpo/estado não é exclusividade do período por ele estudado, ou seja, o Estado- Novo, mesmo porque trata-se sem dúvida de um processo histórico, que não tem seu início e nem sua conclusão na década de 1930. O autor remete-se a uma certa tradição filosófica, proveniente de Santo Agostinho, perpassando também o positivismo comteano e as concepções nazi-fascistas européias. Ver mais sobre essa temática em: LAMOUNIER, Bolívar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação.” In: FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização brasileira*. O período republicano, tomo III: sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997. p. 343-374.

Desta maneira, para Foucault, é preciso entender o corpo não somente como um campo de aplicação da demografia, da contagem de corpos ou da verificação das patologias que o afligem. É necessário haver um entendimento do corpo como campo político e econômico, de ordenação e de legislação, de aplicação de poder, de instauração de sentimentos de pertencimento, local destinado à manutenção da ordem e proteção da pátria. Para Foucault:

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político: as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; [...] o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 2004, pp. 26-27)

Justifica-se a preocupação de Nascimento em construir uma sociedade composta de indivíduos equilibrados, corretos e moralizados. Já que as marcas e sinais distintivos dos brasileiros e dos paranaenses seriam: a ordem, a força física e a moralidade com que esses eram constituídos. Corpos úteis, onde eram investidas possibilidades políticas e econômicas, nos quais deveriam ser exercidos poderes disciplinares constantes e sobre os quais Foucault discerne que:

‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que torna os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2004, p. 143)

A disciplinarização dos corpos e das mentes, o adestramento das práticas e o ordenamento social estariam interligados de modo que o objetivo principal fosse a “criação” de indivíduos aptos para a construção do futuro do estado do Paraná e da nação brasileira. Os corpos convertem-se em instrumentos de disciplinarização coercitiva. No caso de Nascimento essa engenharia corpórea dar-se-ia através de utilização racional proporcionada pela prática de esportes.

Em seu livro, “*Homem Forte*”, publicado em 1905, Nascimento propunha a prática de algumas atividades que serviriam como auxiliares à obtenção de um corpo ideal para a proteção do Brasil e do Paraná. Como seu objetivo era utilizar esta publicação como livro didático nas escolas públicas paranaenses tratou de usar uma linguagem mais coloquial e de ilustrações que facilitariam o aprendizado dos estudantes. Ao produzir esta obra Domingos

Nascimento estava preocupado: “[...] *com a forma como a gymnastica vinha sendo ministrada nas escolas. O problema central que o incomodava já há algum tempo – desde quando fora aluno da escola militar – referia-se aos métodos de ensino e aos conteúdos escolarizados.*” (PUCHTA, 2007, p. 46)³ Isso porque considerava o modo como as atividades físicas eram exploradas nas escolas pouco auxiliares para a obtenção de indivíduos realmente preparados para o enfrentamento dos percalços cotidianos. Em sua opinião na metodologia de ensino até então empregada nas escolas, havia a intenção de formar atletas, pessoas extremamente especializadas e por isso corporal e moralmente desequilibradas. Havia a necessidade de ensinar as práticas esportivas de um modo que o corpo e a mente fossem valorizados de modo semelhante, para que assim fossem forjadas pessoas mais equilibradas, disciplinadas e conscientes da sua missão patriótica, que era dedicar sua vida à defesa e prosperidade do Paraná e do Brasil.

Deste modo, Domingos Nascimento lista de modo bastante eclético as práticas esportivas a serem valorizadas nas escolas, tais como, a esgrima, a natação, o tiro ao alvo, a marcha, a corrida, o remo, a equitação, o canto e a dança. Em seu ponto-de-vista:

[...] são aconselhados os movimentos corporaes, bem dirigidos e regulados, como sejam: caminhar, fazer exercicios de esgrima, natação e equitação, trabalhos de jardinagem, de córtes de madeira, exercicio de canto, etc., onde um certo dispendio de forças provoque a renovação do proprio sangue, pondo em actividade regular o exercicio de todas as funções vitaes. (NASCIMENTO, 1905, p. 05)

Esses numerosos esportes demonstram a necessidade de variar as práticas a fim de formar uma população saudável que iria gerar uma prole igualmente saudável, evitando a distrofia ou a atrofia de uma única parte e sua conseqüente reprodução. Tudo deveria ser valorizado para crescer da mesma maneira, para não sair da ordem e manter a harmonia. A intenção do método exposto por Domingos Nascimento não era a formação de atletas, pessoas somente fortes fisicamente, mas sim homens completos nos aspectos corporais, morais e intelectuais. O homem forte que dá título ao livro é esse homem completo, cujo poder emanava de todos os sentidos: “*Por homem forte represento um estado de energia e virilidade capazes de predispor o homem para enfrentar obstinadamente o struggle for life, sem desfallecimentos nem irresoluções.*” (NASCIMENTO, 1905, p. XIII) [grifos do autor] O homem perfeito era enérgico, viril, sempre pronto para as lutas cotidianas, resistente e

³ Puchta afirma que não conseguiu informações consistentes a respeito da adoção do livro de Domingos Nascimento nas escolas públicas paranaenses. Segundo ele, para que as publicações pudessem ser adotadas pelo governo, estas deveriam passar por uma banca de especialistas, formada por professores do Ginásio Paranaense e da Escola Normal.

constantemente em estágio de evolução, com iniciativa, que investe, cria, inova e é aberto às inovações. Era este o paranaense, e o brasileiro ideais.

Sevcenko, aponta que na *belle époque* as referências ao *struggle for life* eram recorrentes, especialmente em Euclides da Cunha, que era um grande entusiasta do “lutar pela vida”. De acordo com o referido autor, o *struggle for life*:

[...] enquadrava a evolução como efeito da conciliação dos esforços conjuntos da pleora de energias individuais concorrentes. Essa conciliação se processa de acordo com um modelo organicista em que o desempenho das partes, se bem que motivado por impulsos próprios, produz um resultado de cooperação geral, na medida em que cada porção é um órgão independente dos demais dentro da cadeia social. (SEVCENKO, 1999, p. 220)

Para Domingos Nascimento os indivíduos, por mais dispares que fossem seus objetivos e modos de agir, para progredirem teriam de unirem-se e não disputarem para apenas o mais capacitado deles evoluir.⁴ Para que o Paraná crescesse era necessário a cooperação de todos, dos mais diferentes.

A partir de critérios científicos o Autor traduz para todos os públicos, conforme sua intenção, os exercícios fundamentais a serem aplicados tanto para crianças em idade escolar, como para mulheres e homens de qualquer idade, quais sejam: a esgrima, a natação, o tiro ao alvo e uma série de exercícios que poderiam ser realizados nos domicílios denominados por ele como ginástica doméstica.

Eis porque, aproveitando a sua orientação científica e os seus métodos didáticos procurei adaptal-os á educação de nossa infancia e ao serviço hygienico dos individuos, para todas as edades e sexos, introduzindo as modificações que julguei necessarias, parcellando o estudo, sem comtudo prejudicar o systema. (NASCIMENTO, 1905, p. XIV)

Todos os indivíduos eram orientados a praticarem atividades físicas, já que pertenciam a uma mesma sociedade, que precisava ser em sua totalidade higienizada, desde a infância até a velhice, sejam homens, mulheres e crianças. Enfim, o todo social necessitava passar por esse processo de aprendizagem e de crescimento conjunto, sem disputas, *struggle for life*.

Nascimento entendia que: “[...] a educação physica propriamente dita deve ser compreendida antes como um complemento da educação intellectual e moral e como um

⁴ Alfredo Bosi entende o termo *Struggle for life* de modo diferente do que Domingos Nascimento. Para ele, esta terminologia indica a presença de instintos competitivos, o que o aproxima fortemente ao darwinismo social e, em contraponto, afastando-a do altruísmo comteano, que por sua vez estabelecia o “viver por outro”, mais comunitário e pacifista. BOSI, Alfredo. “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração.” In: PERRONE-MOYSÉS, Leyla. (Org.). *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. São Paulo: Edusp, 2004. p.158.

agente higienico e poderoso do aperfeiçoamento da especie.” (NASCIMENTO, 1905, p. VII)

A atividade física estava ligada à reflexão intelectual e à moralidade. Assim os indivíduos deveriam ser, ao mesmo tempo, corporalmente saudáveis e racionalmente preparados para evitar o desequilíbrio, a anormalidade, e as maléficas: “[...] *doenças chronicas do baixo ventre e suas derivadas, as gastralgias, os engorgitamentos do figado, do baço, da veia-porta, a cephalalgia que daí resulta, a hypocondria, a melancholia, etc.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 08) O corpo doente era resultado da inércia e do sedentarismo, o que por consequência ou concomitantemente ocasionariam um desequilíbrio entre corpo e mente: “*A actividade muscular, pelas suas relações internas e reciprocas com o systema nervoso, pode exercer importante acção salutar: – harmonia recíproca entre os nervos dos musculos e os nervos da sensibilidade.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 08)

De acordo com Domingos Nascimento, os esportes selecionados eram essenciais à formação de homens completos, fortes e que além de sua completude individual, pudessem através da força física e da moralidade trabalharem em conjunto para a construção de uma nação também forte e ordeira. Acreditava na necessidade da existência de

[...] cidadãos sadios, inteligentes, moralizados e destros para poder progredir e assegurar sua integralidade [da pátria] [...]. Para homens debeis e tímidos – nações fracas e passivas. Só pode ser rica e forte a nação que tiver seus filhos plenamente educados na pratica da honra, do trabalho e do civismo. (NASCIMENTO, 1905, p. XIII)

Vê-se a relação direta e proporcional entre os corpos e a grandiosidade da Pátria. As nações frágeis o eram pela falta de saúde, honra e moralidade de seus habitantes. As nações mais fortes e grandiosas, tinham a seu favor um povo honrado e corporalmente disposto para a sua defesa. O vigor físico era sinônimo de uma nação forte, soberana, racional, higienizada, civilizada e progressista. O corpo é de suma importância, pois fundamenta a nação. O Brasil e o Paraná deveriam ser corporalmente fortes para garantirem assim a prosperidade e a soberania frente às demais nações e Estados brasileiros.

Ele defendia que a prática da ginástica doméstica garantiria um fortalecimento corporal muito grande, o ganho de músculos e a higienização de todos os órgãos. Os exercícios que formavam a ginástica doméstica também possibilitariam maior agilidade e destreza ao praticante. A ginástica doméstica deveria ser praticada por aquelas pessoas que não estavam muito acostumadas aos exercícios físicos, especialmente Nascimento dirigia-se nesse aspecto aos intelectuais, que sempre acostumados a se trancafiarem em seus gabinetes

de estudos pouco preocupavam-se com o fortalecimento corporal, por isso tinham seus organismos desordenados.

Os exercícios poderiam ser realizados em qualquer ambiente, mas principalmente no lar, pois os instrumentos utilizados nos exercícios seriam bastões, colchões, escadas e cordas, pois eram facilmente encontrados até mesmo nas casas mais humildes. Inclusive era esse o mote da ginástica doméstica: a sua democracia, pois poderia ser realizada por todas as pessoas, crianças e adultos de qualquer idade e em qualquer circunstância. Mas era dirigida especialmente para aquelas que não faziam exercícios ou que não tinham dinheiro para pagar um clube ou ir ao médico para cuidar das moléstias que afligiam o corpo. As práticas dos exercícios físicos diários deveriam estar associadas à intervenção da medicina, da psiquiatria, enfim, da ciência. Segundo Nascimento:

Não se supponha que estamos prégando a applicação de uma panacéa miraculosa, de dispensar a intervenção directa da medicina propriamente dita, dos seus luminares e dos seus produtos chimicos. Ha estados morbidos que não poderiam dispensar os recursos da sciencia, directamente. Não! a applicação da gymnastica domestica, medica e higienica entra apenas como *poderoso auxiliar* da therapeutica propriamente dita. (NASCIMENTO, 1905, p. 13) [grifos do autor]

A eficiência da ginástica doméstica, estaria no auxílio que poderia fornecer aos tratamentos médicos devolvendo a saúde física e fortalecendo a imunidade dos organismos. A prática para alcançar sua eficiência deveria ser regular, pois os exercícios deveriam ser feitos todos os dias, em horários determinados, obedecendo a uma ordem e seqüência, mas sem exageros e em harmonia. Todo excesso é visto de forma negativa.

Depois de feito cada exercício, Nascimento acreditava que seria importante ser dada a voz de comando “FIRME”, como um modo de motivar ainda mais o executor. Cada exercício acionava uma parte do corpo (cabeça, ombros, braços, pernas, abdômen, músculos das costas, a espinha e o tórax), e por isso todos eles deveriam ser realizados para resolver moléstias ou preveni-las e assim manter o corpo harmonioso. O método era muito importante e deveria ser obedecido, pois somente assim, o praticante realmente estaria se beneficiando da prática da ginástica.

A natação também deveria ser realizada com a maior ordem e método, a fim de garantir o grande objetivo deste exercício, ou seja, a maior aptidão física do indivíduo, através de uma carga maior sobre os pulmões e coração, além das pernas e braços. Uma das regras observadas por Nascimento para a execução do nado é que: “*Durante os exercicios de natação o maior silencio e a maior ordem devem ser stritamente observados.*” A segunda

regra estabelecia que: “*As vozes de commando devem ser claras e de maneira a poderem ser ouvidas ao longe para todos os discipulos.*” E na terceira ficava subscrito que: “*O banho deve ser interdicto sobretudo áquelle que estiver em estado de embriaguez.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 13), para assim evitar afogamento.

Nota-se que os indivíduos deveriam seguir um conjunto de regras para a execução dos exercícios, pois Nascimento preocupava-se com a segurança do esportista. Os praticantes necessitariam ouvir atentamente o instrutor, evitar algazaras na água, manter a sobriedade antes do exercício, prestar atenção ao local onde seria realizado o nado, não deixar-se levar pela euforia do instante. Quando eram realizados no mar, o instrutor deveria socorrer o esportista o mais rapidamente possível em caso de acidente evitando maiores transtornos. Essas regras eram consideradas imprescindíveis para o bom andamento da aula, assim como para disciplinar o aluno para além das aulas de natação, para as atitudes cotidianas e consequentemente para o enfrentamento dos percalços naturais do dia-a-dia. Os exercícios físicos, além de fortalecerem corporalmente os indivíduos ainda auxiliavam em seu aperfeiçoamento moral, estabeleciam as práticas que poderiam ser feitas e a melhor maneira de fazê-las.

Os exercícios físicos proporcionariam aos habitantes do Paraná a sua completude, fortificando os laços de cooperação, ordenamento e uma maior racionalização da organização social. Nesse sentido, todos os paranaenses deveriam praticar especialmente a natação, já que a quantidade de rios, córregos, lagos e lagoas eram muito grandes, sem contar com a natação marítima: “*Nas povoações onde exista um rio, uma lagoa ou mar proximos, facil é exercitarem-se os individuos na arte de nadar.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 80) A facilidade da população em encontrar locais para a prática do nado, em conjunção com as regras disciplinares estabelecidas para que isso ocorresse de fato com ordem, fortaleceriam grandemente o Paraná e a sua população, tanto física como moralmente. E caso essa facilidade não fosse tão grande, era necessário construir tanques, que deveriam seguir uma padronização. Refere-se Nascimento refere-se acerca da natação:

A's populações das cidades de campo, como a capital paranaense, só restaria o recurso dos grandes tanques para esse fim apropriados. Esses tanques deveriam ser construidos em declive suave, com as differenças de nivel e as distancias determinadas por linhas de postes com lettreiros afim de que o exercitante podesse conhecer os pontos onde poderia tomar pé, os mais apropriados ao mergulho, as distancias a percorrer. (NASCIMENTO, 1905, p. 80)

Os habitantes de Curitiba e de outras cidades maiores, impossibilitados de utilizarem rios e lagos, poderiam exercitarem-se em piscinas construídas em casa, nas escolas ou ainda em clubes sociais, que, na passagem do século XIX ao XX tornavam-se cada vez mais numerosos e rentáveis. (COSTA, 2000. p. 87) Especialmente em Curitiba, conforme aponta Ângela Brandão: “*A era da loucura esportiva dava seus primeiros passos. A cidade já possuía seus clubes de ciclistas e suas sociedades de tiro.*” (BRANDÃO, 1994, p. 26) Dentre os clubes, da capital, estava o Clube Curitibano, que reunia em seus membros a elite brasileira e de descendência portuguesa, o Clube Concórdia, de migrantes e descendentes de alemães e a Associação Giuseppe Garibaldi, que integrava os migrantes e descendentes de italianos.

De acordo com Sevcenko, nos anos iniciais do século XX ocorreu nas grandes cidades brasileiras uma “febre esportiva”, ou seja, uma busca frenética por corpos fortes e ágeis, tanto que durante esse período, delimitado por ele até cerca dos anos 30, ocorre uma “mutação cultural” no modo como as pessoas percebiam seus corpos. (SEVCENKO, 1998, p. 568) De tal maneira que, os indivíduos do novo século passaram a valorizar de modo muito mais enfático a condição física que possuíam em comparação com os homens do século XIX. Homens deveriam ter ação, serem militantes e obstinados, preparados para a utilização das novas máquinas e tecnologias, seus corpos se movimentariam como máquinas, movidas à eletricidade:

O desenvolvimento dos esportes na passagem do século se destinava justamente a adaptar os corpos e as mentes à demanda acelerada das novas tecnologias. Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. (SEVCENKO, 1998, p. 571)

Havia assim uma espécie de competição entre a máquina e o corpo humano, cujo palco era o moderno espaço urbano, com seus vários espaços de sociabilidade para as práticas esportivas. A modernidade: “[...] *com sua reiterada aura otimista e sua fé inabalável no progresso impulsionou nas cidades novos valores comportamentais, dos quais destacamos [...] a cultura física.*” (JESUS, 1999, s/pg.)

Este *frenesi* em torno dos esportes orientava-se de três maneiras diferentes: o espetáculo, o divertimento e a melhoria corporal. No caso específico de Nascimento seu objetivo era essencialmente com este terceiro aspecto, o que pode ser inclusive percebido pelos esportes por ele escolhidos para fazerem parte do cotidiano dos paranaenses. As atividades esportivas coletivas, como o futebol, por exemplo, que dariam uma conotação mais festiva à prática de esportes não aparecem em nenhum momento em sua obra. O esporte

funcionaria tão somente para a formação de homens fortes, doutrinados pelas práticas esportivas: corpos sãos e mentes sãs. Para isso deveria funcionar o esporte, assim deveriam ser os paranaenses, ou seja, corporal e moralmente doutrinados, ordeiros, disciplinados e saudáveis.

Para Nascimento, um atributo importante a ser desenvolvido pela natação dizia respeito à constituição de indivíduos sensibilizados para com a necessidade de organizarem-se militarmente para a defesa da pátria. A prática do nado era considerada importante para que o cidadão estivesse pronto para resistir à dominação em eventual necessidade de guerra, de defesa da soberania nacional ou mesmo para ataque ao inimigo. A natação serviria para garantir a sobrevivência desses sujeitos em locais com forte incidência de rios, lagos e nas regiões litorâneas. O objetivo era fazer com que o cidadão comum pudesse, em caso de combate: *“Poder por si mesmo atravessar cursos d’água profundos e rápidos, instantaneamente, sem acessórios e mesmo sem ser forçado a se despojar de suas armas e munições ou de sua pequena bagagem.”* (NASCIMENTO, 1905, p. 94)

Vê-se que a natação estava ligada ao estabelecimento de corpos preparados para o obediência de orientações, a manutenção do silêncio quando da prática do exercício, o que daria-se mais vigorosamente em momento de conflito belicoso. Deveria-se seguir uma disciplina militar, e assim forjar “soldados” aptos à defesa nacional. A resistência física permitia que os paranaenses superassem as dificuldades inerentes a um conflito bélico, e saberiam ouvir, a obedecer os comandos e a ter iniciativas ágeis para obterem o sucesso nas operações de guerra.

Outro esporte salientado por Nascimento era a esgrima, que serviria para orientar os espadachins para manterem uma postura corporal refinada, através do aprendizado das regras e dos métodos esportivos, era útil para “adestrar” o corpo do participante, e para a eventual defesa pessoal e do Estado em caso de guerra. Assim:

A esgrima é a arte de jogar as armas brancas. [...] tem por fim – a defesa do homem. Parte integrante de espada, de florete e de baioneta. Qualquer destas três espécies de jogo tanto servem para a defesa como para ataque. [...] O serviço de espada é o mais fácil e o mais aproveitável para o homem em todas as situações da vida. Com o conhecimento do jogo da espada para o homem em qualquer ocasião e com outro qualquer instrumento defender-se de um ataque inopinado. (NASCIMENTO, 1905, p. 107)

Era obrigação de todos os paranaenses saber manejar uma arma branca, como a espada, o florete e a baioneta, e estar preparado para qualquer situação, desde a defesa pessoal, para repelir uma afronta, para a defesa de outras pessoas e do Estado. A presença da

esgrima nessa lista de esportes, justificava-se justamente por ser utilizada para a resolução dos problemas cotidianos. Para Nascimento, os homens deveriam além de poder contar com as leis, resolverem suas querelas através desses combates, já que ficaria irrefutavelmente comprovado quem possuía mais brios e virilidade. A honra era uma boa medida de decisão, tão importante quanto a legislação, que proibia a prática de duelos. O duelo era algo complexo e exigia certo conhecimento dos usuários de armas brancas: “*Ora, o duello exige condições de educação civica e physica, que ainda não puderam ser levadas em linha de conta da nossa bisonha e estreita civilização brasileira.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 140) Portanto, o aprendizado do uso das espadas era necessário para civilizar os combates, torná-los mais racionais, expurgar sentimentos: o que movia o duelo era a necessidade de solucionar um problema, o que deveria obedecer à razão, portanto, sem paixões ardorosas que desorganizariam absolutamente o embate. Aliás:

[...] não existindo o duello propriamente dito, é cousa mais commum em nosso paiz ver-se dois individuos como dois animais brutos, em plena rua, com armas desiguaes, menos nobres e grosseiras, e quantas vezes superiores á propria natureza da offensa ou do desforço! (NASCIMENTO, 1905, pp. 139-140)

Deste modo, o duelo “propriamente dito”, organizado em regras, com testemunhas, que obedecia a normas, era visto muito pouco no Brasil, onde em sua maioria reinava a inexperiência, os ímpetos bestializados e a irracionalidade. A instrução da esgrima serviria nesse sentido para contornar essa situação degradante e imoral. O manejo correto da arma branca aumentaria a força física e a coragem do homem e o impeliria para o bom combate. O bom espadachim deveria internalizar uma disciplina corporal e mental, tais como a paciência, a brandura, a perfeição nos movimentos, a prudência, a observação atenta do adversário, a afabilidade, o cavalheirismo e o sangue frio. Em contraposição ao orgulho, a vangloria, a ira, a imprudência, o medo e o deboche para com o opositor. (NASCIMENTO, 1905, p. 108)

A esgrima era considerada um jogo por excelência masculino, pois era exigida força para empunhar a espada, sagacidade para saber o momento certo de desferir o ataque e destreza para fugir de um golpe. O inimigo poderia ser subjetivamente a irracionalidade, a preguiça, a desordem, a imoralidade ou num plano mais prático, um invasor proposto a ameaçar a soberania da pátria. O jogo e a vida misturavam-se e a suposição de uma guerra tornava as qualidades do bom esgrimista ainda mais essenciais para o cotidiano dos homens comuns, possíveis soldados da pátria. Para Nascimento o: “[...] *jogo de espadas tanto serve*

na guerra como na paz; para o militar como para o civil; ao ataque como à defesa.” (NASCIMENTO, 1905, p. 108)

Domingos Nascimento, enquanto membro do exército, mostrava-se preocupado com a preparação militar da população civil e inclusive assina a obra “Homem Forte” como oficial de artilharia, o que legitima suas opiniões acerca do que expõe e lhe transfigura em voz autorizada para tratar desse assunto. Os objetivos militares, quais sejam essencialmente a defesa da pátria e a manutenção da soberania nacional, tinham intrínsecas ligações com o condicionamento físico dos componentes do exército. Os corpos dos soldados constituíam o corpo da pátria. Os corpos civis em caso de necessidade, contribuiriam para a formação do corpo nacional. Daí a necessidade de todos, sem exceção, exercitarem-se e assim manterem os organismos – físicos e simbólicos – sempre em ordem e harmonia.

Deste modo, o civil seria possivelmente convertido em militar caso a guerra fosse iminente. Por isso, a honra, o dever, a disciplina deveriam fazer parte do vocabulário do conjunto dos cidadãos e alguns esportes tinham o papel de instituir determinados sentimentos nacionalistas e preparar o corpo físico para o possível enfrentamento. Exigia-se assim da sociedade civil maior comprometimento para com a preservação da unidade da nação vinda especialmente de seu fortalecimento corporal e moral. Desde a Revolução Francesa, conforme salienta Carvalho, essa relação entre cidadão/soldado é discutida, e salienta-se o direito do civil em portar armas na defesa de seus interesses pessoais e patrióticos. O modelo da Guarda Nacional francesa inspirou a constituição da Guarda Nacional brasileira em 1831, e esta tinha como objetivo central: “[...] *colocar nas mãos dos cidadãos de posses a tarefa de manter a ordem. A milícia cidadã, como era chamada, constituía sem dúvida um instrumento liberal e, pelo menos em concepção original, democratizante.*” (CARVALHO, 1987, p. 49)

Durante a República Velha, essa concepção do cidadão-soldado passa a concorrer com a do soldado-cidadão, pela qual pretendia-se fazer com que os soldados pudessem participar mais ativamente das decisões políticas brasileiras e assim ampliando-se os direitos à cidadania. Contudo, apesar das discussões em torno dos direitos civis dos militares, não cessaram as propostas de militarizar os cidadãos e inclusive nesta época: “*O treinamento do Exército visa a transformar um civil de mentalidade independente em um soldado disciplinado cuja auto-estima provém da fusão de sua individualidade com os objetivos coletivos e as exigências de sua unidade.*” (CARVALHO, 1987, p. 49)

No âmago dos treinamentos militares encarava-se os soldados iniciantes como civis em estágio de militarização, processo este que ocorria através de uma mudança profunda no modo como esses indivíduos pensavam e agiam. Ou seja, almejava-se o abandono de uma

concepção individualista em detrimento da adoção de outra visão de mundo mais cooperativa, corporativa e unificadora. As atividades físicas, tal como propostas por Nascimento, serviriam para fazer com os sujeitos deixassem de pensar isoladamente e comesçassem a refletir acerca do conjunto corpóreo ao qual faziam parte. Teoricamente o exercitar-se não era uma atividade isolada, toda a nação fazia parte do mesmo exercício. O suor despendido era de todos e o corpo forte era sinônimo de Pátria forte.

De acordo com Castro, a introdução sistematizada e obrigatória da Educação Física no Brasil na década de 1920, iniciativa esta fundamentalmente militar, tinha como objetivo disciplinar os corpos dos indivíduos de modo semelhante ao que ocorria nas tropas. Refere-se Castro:

[...] fazer de cada corpo individual o corpo de um soldado, e com isso forjar o corpo da Nação. Essa era a contribuição fundamental que a educação física teria a dar dentro da visão do Exército como uma ‘escola da nacionalidade’, da idéia de que a organização militar seria o modelo ideal para a organização da sociedade. (CASTRO, 1997, pp. 22-23)

Um dos esportes mais significativos para ilustrar esta relação entre os corpos dos indivíduos e o corpo simbólico da pátria, é o tiro ao alvo. Este é considerado por Nascimento o esporte mais importante a ser praticado pela população, pois asseguraria a permanente defesa pessoal e nacional. Assim:

[...] a instituição do tiro ao alvo é hoje como que um culto cívico para todas as nações, cada qual introduzindo os maiores aperfeiçoamentos possíveis no sentido de se acharem os povos conscientemente aptos para a defesa nacional. (NASCIMENTO, 1905, p. 149)

Por meio deste aprendizado haveria a transformação de indivíduos fracos em verdadeiros heróis capazes de salvarem o conjunto social de situações consideradas muito perigosas como, por exemplo, assaltos, ofensas pessoais, insultos à pátria e guerras. Para Nascimento, os: “[...] *governos bem orientados não devem deixar de preocupar-se com esse assumpto, e muito seriamente, preparando desde a infancia cidadãos aptos, tanto para a defesa individual como para as contingencias da colletividade nacional.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 150)

Nesse sentido, havia a urgente necessidade de educar a população sobre o funcionamento dos armamentos desde a mais tenra idade, a fim de que os indivíduos sentissem-se desde jovens, preparados para defenderem a nação brasileira. Para tal, propunha

que fossem adotadas nas escolas, sejam elas, públicas ou particulares, o ensino do manuseio de armas de fogo:

Hade causar estranheza que nos propondo a levar ao espirito da nossa mocidade o gosto pelo tiro ao alvo, e para esse fim partindo de pequenos ensaios desde a infancia estejamos a fazer emprego de nossa arma de guerra – o FUZIL MAUSER, – como si estivessemos exclusivamente tratando desde já de instruir os adultos capazes de poderem manejar-a facilmente e empregal-a no tiro. (NASCIMENTO, 1905, p. 173)

Em cada escola haveria um espaço destinado à esta atividade educativa, com alvos e cabines apropriadas. Um dos problemas verificados por Nascimento no ensino de tiro ao alvo nas escolas era o peso do *Mauser*. Para resolvê-los propôs que os alunos menores de 10 anos aprendessem a atirar em armas menores como a *Winchester* ou a *Flaubert*, ou qualquer outra arma de caça. O objetivo era que: “[...] *quando atingisse á idade de manejar uma arma de guerra, já estaria com a pratica e os conhecimentos necessarios das armas regulamentares, sabendo a sua nomenclatura, a maneira de carregar-a e as suas posições de atirador.*” (NASCIMENTO, 1905, p. 173) As crianças aprenderiam a montar e desmontar os armamentos, diferenciá-los e, se a escola tivesse local apropriado, atirar.

O preparo de indivíduos aptos para defenderem a Pátria era um assunto polêmico. Ao governo brasileiro preocupava o péssimo estado das tropas e as condições vivenciadas nos quartéis, especialmente aqueles localizados nas regiões fronteiriças. Para reverter esse lastimoso quadro, em 1899, o Ministro da Guerra, João Nepumoceno de Medeiros Mallet, propôs reformas na estrutura militar brasileira, tais como:

[...] mudar a composição das unidades, centralizar as nomeações, reorganizar a educação militar, *enfatizar a importância do treinamento de tiro ao alvo*, executar manobras rotineiramente, regularizar o planejamento, melhorar os critérios de promoção e elevar o nível intelectual do corpo de oficiais. Além disso, os quartéis e outras instalações do Exército precisavam ser remodelados, e as unidades careciam de armamento moderno. (McCANN, 2007, p. 107) [grifos meus]

O Exército também deveria aprimorar-se em relação ao tiro ao alvo, devido, sobretudo, a desastrosa pontaria dos soldados nos eventos em Canudos, em 1898. (McCANN, 2007, p. 141) Melhorar o modo como atirava-se e a qualidade dos tiros era o alvo da intervenção dos militares naquele momento. Era preciso preparar tanto militares como civis para manejar uma carabina “[...] *de acordo com os preceitos da guerra*” pois estaria “[...] *apto para concorrer com o exercito na defesa nacional [...]*”. Faltaria apenas os “[...]”

elementos táticos, que facilmente receberá quando for chamado ao serviço das armas.
(NASCIMENTO, 1905, p. 174)

Em síntese, os elementos civil e militar, em conjunto, atuariam na defesa do Brasil, e no fortalecimento do Paraná. O paranaense ideal deveria ter um comprometimento físico e moral com seu torrão natal, que seria, por conseguinte composto por indivíduos militarizados, saudáveis e disciplinados. Nota-se que para Nascimento esses eram pontos importantes para a identidade paranaense. A constituição da identidade paranaense estava em educar, disciplinar e despertar sentimentos cívicos na população.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração.” In: PERRONE-MOYSÉS, Leyla. (Org.). *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. São Paulo: Edusp, 2004.

BRANDÃO, Ângela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba : Prefeitura Municipal de Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Celso. “In corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil.” *Antropolítica*, Niterói, RJ, nº 2, 1º sem. 1997.

COSTA, Ângela Marques da. *1890-1914: No tempo das certezas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *A Armadilha do Leviatã: a construção do corporativismo no Brasil*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e política da beleza*. Chapecó : Argos, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis : Vozes, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. “Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 23, 1999. s/pg.

LAMOUNIER, Bolívar. “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação.” In: FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização*

brasileira. O período republicano, tomo III: sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas : Papyrus, 1986.

McCANN, Frank. *Soldados da Pátria: história do exército brasileiro, 1889-1937*. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

NASCIMENTO, Domingos. *O Homem Forte: Gimnástica doméstica, natação, esgrima e tiro ao alvo*. Curitiba : Imprensa Paranaense, 1905.

PUCHTA, Diogo Rodrigues. *A formação do Homem Forte: educação física e gymnastica no ensino público primário paranaense (1882-1924)*. Dissertação [Mestrado] UFPR, Curitiba, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio.” In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. (vol. III). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1999.